



# Câmara Municipal de São Paulo

Folha n.º 02  
de 97  
n.º 89

## EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Nos termos do inciso II do Art. 236 do Regimento Interno, apresento à consideração de meus nobres Pares o presente Projeto de Decreto Legislativo, com o escopo de prestar justa homenagem ao radialista MILTON PARRON, através da outorga da Medalha Anchieta e do Título de Gratidão da Cidade de São Paulo.

A seguir, os dados biográficos do notável homem de rádio:

MILTON PARRON VILLEGA

Nascimento - 21/10/1941

Local - Araçoiaba da Serra - SP

Escolaridade - 1º grau Col. N. S. do Bom Conselho - Capital

2º grau Col. Cel. João Cruz - Avaré - SP

Profissão - Jornalista

Início - Rádio Avaré - SP (operador de som)

Seu primeiro emprego na radiofonia em São Paulo foi na Panamericana (hoje Jovem Pan) em 1959, como “rádio escuta” do departamento esportivo, então coordenado por Benjamim Alune Neto e dirigido por Narciso Vernizze, ambos, ainda, na ativa.

Em 1962, foi promovido a “plantão esportivo” (locutor) da Rádio Record, cuja equipe era dirigida pelo saudoso Geraldo José de Almeida. Porém, seu vínculo empregatício foi mantido com a Rádio Panamericana, já que esta também pertencia às Emissoras Unidas de Rádio e Televisão, de propriedade do saudoso Dr. Paulo Machado de Carvalho.

Em 1963, foi deslocado para a TV Record, também como “plantão esportivo”, na equipe comandada por Raul Tabajara e Paulo Planet Buarque. Ao mesmo tempo, para melhorar seus rendimentos, trabalhava em outro período no Departamento de Jornalismo das Emissoras Unidas de Rádio e Televisão (integradas à época pelas rádios Record, Panamericana, São Paulo e TV Record), dirigido por Vandick Freitas e secretariado por Fernando Vieira de Mello e Narciso Kalili. No referido Departamento praticamente reiniciou sua carreira no rádio, uma vez que exercia a função de “rádio escuta”, o mais baixo então da hierarquia e, sem dúvida, o degrau mais importante em toda a carreira para formação do profissional.



# *Câmara Municipal de São Paulo*

A partir de 1964, nas “horas vagas” já freqüentava as sessões da Câmara Municipal de São Paulo, que aquela época ficava na rua Líbero Badaró. Nas noites, especialmente de finais de semana, percorrida os plantões policiais, onde sempre encontrava notícias que permitiam aprimorar sua carreira.

Em 1965, a Rádio Panamericana, recém transformada em Jovem Pan, resolveu investir no jornalismo. Era, até então, só musical. Porque o esporte também já não fazia parte de sua nova linha de trabalho. Seu novo presidente, Antonio Augusto Amaral de Carvalho, filho mais moço de Paulo Machado, convidou Parron para ser o repórter da casa. O primeiro. Não havia departamento estruturado; não havia chefe, não havia pauta, não havia redator, não havia editor, nada enfim. Só Parron. As poucas notícias transmitidas pela Jovem Pan já vinham elaboradas do Departamento de Jornalismo das Unidas, que abastecia todas as emissoras do grupo. Antonio Augusto (Tuta) naquela altura se entregava à criação de uma emissora, independente das demais que faziam parte do grupo e sua primeira decisão foi voltada para o jornalismo. Após ter convidado, entre outros, Murilo Antunes Alves, o próprio Aluane Neto, Gomes Talarico, Reali Júnior, Perilo de Magalhães, Clécio Ribeiro, Silvio Luiz e outros, tendo todos recusados o convite pelas variadas razões, N. S. Aparecida no dizer de Milton, pela primeira vez lhe deu uma tremenda força; foi ele o convidado. De lá até hoje, a fé de Milton garante que a Santa só tem feito isso, orientando, abrindo seus olhos e o despertando para onde está a notícia.

A primeira matéria de sua lavra que repercutiu na grande imprensa, ainda no período de “aprendizado”, antes de ter se transformado em repórter da Pan, ocorreu na época em que percorria as delegacias para apreender. Numa de suas idas ao 3º DP, que ficava na rua Guaianazes e cujo titular era o Delegado Rubens Liberatori, deparou-se com o bandido mais procurado pela polícia e mais celebrizado pelo noticiário à época: um tal de “Chico Picadinho”, que matara e esquartejara uma enfermeira na rua Aurora. Naquele tempos a morte não estava ainda tão banalizada; assim no Brasil só se falava daquele crime. A entrevista que gravou foi reprisada nas emissoras do grupo e reproduzida em quase todos os jornais e revistas.

Como repórter da Jovem Pan, seu primeiro trabalho de grande repercussão foi, segundo diz por ajuda de sua Santa protetora, ter pedido desmascarar uma das maiores injustiças, que estava sendo perpetrada contra um pai que tivera o filho seqüestrado. Ele se chamava João e o filho Carlos Ramires, que o Brasil simplesmente passou a chamar de “Carlinhos”. Ainda hoje se comenta o misterioso desaparecimento de “Carlinhos”. O Delegado Moacir Belot, que regia o inquérito, convocou a imprensa em sua delegacia, na cidade de Duque de Caxias, e apresentando o pai de “Carlinhos”, humilhanamente algemado, como o mandante do seqüestro e da morte do próprio filho, à



# *Câmara Municipal de São Paulo*

época um garoto de 8 anos de idade. Foi assunto de capa de revista e de jornais no Brasil inteiro e no exterior. No dia seguinte, a emissora despachou Milton até Caxias, afim de entrevistar o pai acusado. A sós na cela Milton entrevistou um homem que chorava convulsivamente, rogando-lhe por Deus, que acreditasse em sua inocência.

Milton convenceu o delegado a permitir-lhe conversar com um dos supostos seqüestradores, justamente aquele que acusara o pai de Carlinhos de ter contratado seus serviços para executar o crime escabroso. O jornalista notou que o entrevistado visivelmente estava mentindo. Arditosamente, Milton indagou se o menino seqüestrado não chorava a noite por causa de um dente que há dias estava inflamado, caindo na cilada, o falsário respondeu que, de fato, o menino tomou um forte sedativo para aliviar a dor. Desmascarado, o indigitado acabou confessando que tudo o que dissera era uma grande farsa e que jamais vira aquele homem a quem estava acusando. Inventara aquela mentira toda por ter sido preso por um grupo das Forças Armadas, que estava caçando subversivos e, antes que o matassem, no quartel para onde fôra levado, resolveu inventar a história infamante para se livrar de sevícias. De pronto, o delegado Belot, que sempre buscou destaque a qualquer custo. Deu crédito as informações "confidenciais" que lhe chegaram do Exército e tratou de capitalizar o sucesso. Foi tamanha a repercussão que o citado Adilson, ao desdizer, em particular, para o referido delegado toda aquela história maluca, teve na mesma hora decretada sua pena de morte, única forma de evitar um escândalo maior. Obrigou-se a se desculpar perante o pai do menino, preso injustamente. Com a morte de Adilson, certamente o pai de Carlinhos, até hoje estaria na cadeia. Quando divulgou as duas entrevistas, o próprio presidente do TJ do Estado do Rio determinou a soltura de todos. O Secretário de Segurança foi demitido pelo Governador. O delegado, afastado de suas funções. Essa reportagem valeu para Milton Parron um dos 18 troféus que lhe foram outorgados ao longo de sua vida. Entre outros, mereceu 2 "Roquetes Pinto", um "Eso de Jornalismo" em equipe, um "Imprensa", dois "Sanyo", dois "APCA", a "Medalha do Pacificador", a medalha de "S. Paulo Apóstolo", troféu "CNT de Jornalismo", e "Personalidade do Ano" na categoria Imprensa, pelo Grupo Um de Jornais.

Algumas matérias que marcaram muito seu trabalho foram a cobertura do incêndio do Joelma, o incêndio de Vila Socó, em Santos, a explosão do Gasoduto de Santos, o terremoto de 70 no Perú, a contaminação das águas minerais, do leite, dos derivados de produtos animais; a farsa inventada pelo Grupo Anti-Sequestro, em 1987, para extorquir contrabandistas de Marília como se fossem os seqüestradores do banqueiro Beltran Martinez. Mais recentemente, já na rádio Bandeirantes, alguns trabalhos que repercutiram foram as denúncias de superfaturamento na comercialização de gás hospitalar com entidades públicas, o que ocasionou a suspensão de vários contratos oficiais, com uma economia, em 1995, que ultrapassou, no total, 10 milhões de dólares,



Folha n.º	05	de proc.
n.º	89	do 19 97

# *Câmara Municipal de São Paulo*

segundo dados da Secretaria da Saúde. Outro trabalho exaustivo foi a pesquisa relacionada com as condições dos botijões de gás GLP em SP, que redundaram em modificações na legislação, obrigando as empresas a requalificarem aqueles recipientes que eram responsáveis por milhares de incêndios e mortes no Brasil. Ainda no período da Bandeirantes, uma denúncia que teve forte ressonância, culminando com o apressamento da lei da criminalização do porte de arma, foi a da venda indiscriminada de armas e munições, de qualquer calibre, em lojas da Capital. Uma das mais recentes foi a da venda de documentos, de qualquer tipo, até em praças públicas. Para mostrar a gravidade desse comércio ilegal com muita argúcia, adquiriu de falsários, uma RG e uma CNH em nome de "Diego de La Vega", ou seja, o Zorro. Com esses papéis falsos dirigiu veículos no trânsito urbano e nas estradas e até freqüentou gabinetes oficiais, onde é exigida a identificação. Como o "Zorro" foi multado e com a mesma facilidade, recebido por Secretários de Estado e até pelo Secretário de Segurança Pública, em cujo o gabinete se apresentou como o jornalista "Diego de La Vega".

No que tange a esta Casa, Milton Parron marca sua presença desde a década de 70, destacado com menções honrosas por vários vereadores que passaram por essa Casa. Nesta Câmara, segundo Milton nascido em um programa de rádio que faz há muitos anos. Trata-se do programa "Memória". O saudoso Prefeito Faria Lima, num de seus últimos atos antes de deixar a prefeitura, visitou a edilidade e Milton gravou com ele longa entrevista. A entrevista estava guardada, pelo jornalista e foi repetida muitas vezes. Era numa época em que o rádio não dava grande valor a arquivo, a idéia de não apenas arquivar matérias como também, reproduzi-las depois de certo tempo, numa espécie de reminiscência. Assim nasceu "Memória" que é um programa que resgata um pouco, com material sonoro de arquivo, momentos importantíssimos não apenas do rádio, como do cinema, televisão, teatro, circo, esporte, política, música. O programa possibilita a compreensão de muitos fatos, de muitos atos, de muitas histórias, de muita coisa que está ainda à nossa volta e que tiveram origem há décadas. Recentemente, aliás, Milton reviveu um programa de carnaval da rádio Joven Pan, da década de 70, em que um dos repórteres, "novinho em folha", gaguejando informações de trânsito nas estradas, era o garoto Nelo Rodolfo, hoje ilustre Presidente desta Casa. Tem acontecido, porém, com personagens diferentes: Naylor de Oliveira, Murilo Antunes Alves, Raul Tabajara, etc. Isto sem falar de algumas sessões históricas da Câmara Municipal cujos fragmentos permanecem gravados em seus arquivos pessoais possibilitando assim, resgatar o dia histórico da aprovação das verbas destinadas à construção de uma linha de metrô em SP, a primeira, era a época de Faria Lima ainda. Constam desse arquivo discursos inflamados de Jânio Quadros, Cantídio Sampaio, Mélega Marcos, e tantos outros, vez por outra são apresentados no programa "Memória", ilustrando a história da Edilidade Paulistana ressaltando para as gerações mais jovens a importância da Câmara Municipal de São Paulo, quadro de desenvolvimento de nossa cidade.